

O ELOGIO DA MEDIOCRIDADE: PERFORMANCE LITERÁRIA DE AMADEU AMARAL (1875-1929)

Recebido em 15/12/2009

Aceito em: 22/03/2010

Ricardo GOLOVATY *

Resumo: O elogio da mediocridade de Amadeu Amaral (1875-1929) constitui estrada a projetos literários e políticos dos anos 1920 e arredores. Pelo elogio da mediocridade, Amadeu Amaral elaborou uma performance que perpassa todas as linguagens em que labutou e pelas quais lutou: prosa e poesia, crítica literária, ensaios políticos, estudos folclóricos. Este artigo apresenta alguns resultados do meu Doutorado em História e divide-se em duas partes: uma abertura com o roteiro metodológico do trabalho com as diferentes linguagens do autor e, como desfecho, uma análise do ensaio homônimo de 1916.

Palavras-chave: Amadeu Amaral; performance; crítica literária.

1. Em busca das estratégias irônicas e dos diferentes sentidos da mediocridade

Estranho título que elogia a mediocridade. Convida o leitor a desprezar o trabalho: seja porque o historiador se assume como medíocre, ou porque o mesmo historiador considera o seu ilustre pesquisado um medíocre, mediano jornalista, homem de letras e político dos anos 1920 e arredores. Mas não é nada disso: Amadeu Amaral construiu uma obra perpassada pela *performance da mediocridade*. Ela está presente em todas as diferentes linguagens por meio das quais se expressou: poesia, prosa, crítica literária, folclore, política. Seja como lugar comum de auto-ironia, auto-representação de humildade (estratégia retórica para conquistar a comiseração dos leitores), seja como modo de enfrentamento dos testarudos e cabotinos do seu tempo (demonstrando tranqüilidade, altivez moral e intelectual), ou como folclorista e analista político que desce do Parnaso para conhecer “aquilo que o é”, a realidade nacional.¹

* Mestre (2005) e doutor (2010) em História Social pela Universidade Federal de Uberlândia. Graduado em Ciências Sociais pela PUC-SP (2001).

¹ “Medíocre. *Adj.* 2 g. 1. V. *mediano* (3). 2. Sem relevo; comum, ordinário, vulgar, mediano, meão. • S. 2 g. 3. Pessoa medíocre. • S. m. 4. Aquilo que o é.” (Holanda, 1980, p.1109).

Foram três anos e pouco mais na leitura e na pesquisa dos escritos de Amadeu Amaral.² E o método principal foi: leitura. Ler, devagar. Ler. Reler. Associar. Juntar. Apropriar, tornar próprio. Mas, sobretudo, ler. Ler *o próprio autor*. Ler *o que esse autor lia*. Ler *os seus contemporâneos* e o que dele falaram. Ler *os meus contemporâneos* e o que dele falam. Ler os clássicos e os contemporâneos da historiografia, ciências sociais e crítica literária que trataram dos anos 1920. Comparar. Associar. Contextualizar. Enfim: enfrentar os textos e produzir uma narrativa. Nesses movimentos o elogio da mediocridade foi ganhando força, pois permitia o enfrentamento das diferentes linguagens trabalhadas por Amadeu Amaral. Desde o projeto de pesquisa insisti na defesa do estudo dos diferentes escritos do autor. O método inicial foi percorrer simultaneamente as diferentes linguagens de Amadeu. Nesses movimentos de leitura fui caminhando em busca de uma trama historiográfica. Pesquisar as suas diferentes linguagens não significou totalidade. Fui percebendo e elegendo textos que considere mais significativos, textos que se cruzam, que se encontram no interior de suas obras. E como Amadeu trabalhou com diferentes *linguagens*, a performance da mediocridade emergiu como *chave de leitura*: o que significa uma *forma* de entender e representar a realidade, forma que é, ao mesmo tempo, estética e política. O meu caminhar dentro e a partir dos seus escritos como movimentos de compreensão, e, por que não, de alteridade, chegou a duas estratégias complementares do autor bem como outros desdobramentos da *performance da mediocridade*. Sigo agora resumindo-as para, na seqüência, abordar o próprio ensaio que as sintetiza.

A mediocridade como postura estratégica de humildade e bondade visa à honestidade em reconhecer limites próprios como sinal de conduta ética

² Livros de Amadeu Amaral publicados em vida: *Urzes*. São Paulo: 1899. *Névoa*. São Paulo: Editora Livraria Magalhães, 1910. *Espumas*. São Paulo: edição de A Cigarra, 1917. *A pulseira de ferro*. São Paulo: Sociedade Olegário Ribeiro, 1920. *Letras Floridas*. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro e Maurilo Editores, 1920. *O dialeto caipira (gramática, vocabulário)*. São Paulo: Casa Editora "O Livro", 1920. *Dante (duas conferências)*. São Paulo: Sociedade Editora Olegário Ribeiro, 1921. *Lâmpada Antiga*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1924. *O elogio da mediocridade*. São Paulo: Empresa Editora Nova Era, 1924. Livretos publicados em vida: *Discurso que pronunciou, ao ser recebido na Academia Brasileira de Letras*. São Paulo: Oficinas da secção de obras d'O Estado de São Paulo, 1919. *Um soneto de Bilac*. Jauú: Edição do Jauú Clube, 1920. *Cuidar da infância!*. São Paulo: secção de obras d'O Estado de São Paulo, 1921. *A poesia da viola (folclore paulista)*. São Paulo: Sociedade Editora Olegário Ribeiro, 1921. *Luís de Camões (sua época, sua vida e caráter, sua formação. A vitalidade e atualidade da sua obra)*. Rio de Janeiro: Edição da Revista de Língua Portuguesa, 1924. *As promessas do escotismo*. Rio de Janeiro: Oficinas Gráficas do Jornal do Brasil, 1929. Livros póstumos: *Poesias*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1931. *Memorial de um passageiro de bonde*. São Paulo: Edições Cultura Brasileira S.A., 1938. *Amadeu Amaral: poesias* (Pequena Biblioteca de Literatura Brasileira, nº 58). Introdução, seleção e notas por Manoel Cerqueira Leite. São Paulo: Editora Assunção, 1946. *Tradições populares*. São Paulo: Instituto Progresso Editorial S.A., 1948. *O dialeto caipira*. São Paulo: Editora Anhembi, 1955. Há ainda a coleção *Obras de Amadeu Amaral* dirigida e organizada por Paulo Duarte na década de 1970. As obras desta coleção se encontram nas seções Referências bibliográficas e Bibliografia deste artigo.

no momento de julgar a si mesmo e aos outros. Ao mesmo tempo a *mediocridade como postura estratégica irônica* coloca-se abaixo dos outros jogadores e dos astros de seu tempo, revelando a hipocrisia, a soberba e a vaidade destes. Amadeu almeja assim conquistar ante o auditório (público leitor) a comiseração para si e o concomitante desprezo ao oponente. O pressuposto básico desta atitude é o de que ninguém deseja ser medíocre, mas é medíocre, em algum sentido ou campo: arte, ciência, paixões. Todos caem, ao menos em parte, nessa armadilha, fato que demonstra uma *performance* literária e um modo de ser ético num campo literário freqüentado por humildes, por cabotinos, por criticastros e por poetastros. O elogio da mediocridade tem, portanto, *posição ambivalente de defesa e ataque*, pois permite, quando se é atacado, esta função de defesa. Já quando se faz ataque, carrega em si, previamente, uma defesa, pois abre espaço para a auto-ironia, num gesto de humildade e degradação de todos os participantes do (ridículo) certame. Daí a centralidade da *ironia e auto-ironia*: desdobradas em piedade e compaixão, compreensão e sarcasmo, pacificação e destruição.

Anatole France foi uma das referências e leituras de Amadeu Amaral. O trecho que segue não possui um vestígio mais concreto de que o autor o conhecia, tal como citação ou menção à obra. Mas é possível aventar a hipótese desta leitura, pois o escritor francês foi uma referência da sua geração. Ela cabe perfeitamente nas posições que a ironia ocupa nos textos do brasileiro, bem como alude a comportamentos dele em relação ao embates literários e políticos que experimentou. No seu *O Jardim de Epicuro* Anatole France afirma:

Quanto mais penso na vida humana, tanto mais acredito que é preciso dar-lhe por testemunhas e por juízes a Ironia e a Piedade, (...). A Ironia e a Piedade são as duas boas conselheiras: uma, sorrindo, nos torna a vida amável; a outra, que chora, no-la torna sagrada. A Ironia que invoco não é nada cruel. Não escarnece nem do amor nem da bondade. É doce e indulgente. Seu riso serena a cólera, e é ela que nos ensina a rir dos maus e dos tolos, que, se não fosse ela, poderíamos ter a fraqueza de odiar. (FRANCE, apud: CHASTENET, 1971, p.44)

Performance da mediocridade como chave de leitura

O meu trabalho com a *performance da mediocridade* como chave de leitura se desenvolveu em três roteiros conexos: a) como estudo dos escritos de Amadeu Amaral; b) como estudo da sua performance diante do cotidiano; c) como mecanismo historiográfico de compreensão do objeto estudado e como artifício narrativo ou trama que se deseja fidedigna ao autor: tentativa de verdade referencial ou efeitos de verdade. Por isso busquei compartilhar o elogio da mediocridade de Amadeu como performance. Performance esta provavelmente batizada no seu texto matriz *O elogio da mediocridade*, de 1916, um dos inauguradores da *Revista do Brasil*, que oito anos depois se tornou título e capítulo inicial do livro coletânea da sua produção de crítica literária.

O texto é uma carta a um crítico que pode ser lida no plural, como carta aos críticos. É breve e denso. Em hipótese é uma fusão entre o eu privado e o eu público do autor: quem eu sou e o que penso. Como crítico literário assinala a postura de quem entende o valor das obras consideradas menores, daquelas que dão o sustento físico para o maior talento de ontem, hoje e amanhã. Daqueles que contribuíram/contribuem com o pouco que têm ou com o que podem contribuir ao processo de gestação e reprodução de uma literatura nacional. É crítica ao criticastro, àquele que usa de sua pena para se alçar diante dos pequenos, dos menores: a este crítico, Amadeu sugere que enfrente os verdadeiros grandes, deixando que os menores prossigam em seus trabalhos silenciosos. Por fim, é texto que demonstra aguda consciência da dimensão histórica da literatura, dos caminhos de formação dos cânones, dos roteiros que fazem ou não um dado autor ser esquecido ou lembrado: a fortuna crítica, a história da recepção crítica como algo que não se dá “naturalmente”, “literariamente”. Em suma: neste ensaio Amadeu demonstrou a sua percepção e sua postura diante do que posso denominar de políticas do literário.³

Quanto aos *prefácios* dos livros de Amadeu os entendo como locais sintomáticos da performance, pois aberturas e locais nos quais o autor dá performance à sua voz. São os prefácios aos livros que publicou em vida ou deixou organizado: *A pulseira de ferro* (novela de 1920), *Letras floridas* (conferências literárias, 1920), *O elogio da mediocridade* (crítica literária, 1924), *Lâmpada antiga* (poesia, 1924), *Política humana* (textos políticos das décadas de 1910-1920, póstumo) e *Memorial de um passageiro de bonde* (novela de 1927 publicada nas páginas do jornal O Estado de São Paulo, e livro publicado postumamente em 1938).

No *Memorial de um passageiro de bonde* Amadeu utiliza o pseudônimo Felício Trancoso numa fusão entre o seu eu “real” e o seu eu “ficcional”. Nele interpreta a cidade a partir do banco do bonde, pela ótica de um medíocre e humilde funcionário público leitor de obras de ficção, de poesia, de sociologia, de filosofia e de religião.

Quanto aos estudos de folclore, *Tradições populares* (obra póstuma, escritos de 1925 nos rodapés do jornal *O Estado de São Paulo*) a performance da mediocridade aparece no diagnóstico do *tudo por explorar*, da ciência folclórica brasileira ainda engatinhando. Como são textos publicados em jornal em várias ocasiões Amadeu convida os leitores a ajudarem na empreitada de coleta de materiais (desde que fidedignos): nesse tudo por explorar contribuições medíocres serão parte significativa da formação do acervo a posteriores

³ Inspiro-me no título de mesa em que participei no interior de simpósio temático denominado *Prismas do Político*, durante o XVI Encontro Regional de História da ANPUH-SP, no ano de 2008, dirigido pela Profa. Dra. Virgínia Camilotti (Unimep-SP) e pela Profa. Dra. Márcia Naxara (Unesp, Franca-SP).

estudos. Há ainda lugar para aventar hipótese de que o próprio folclorista, como estudioso das artes e dos costumes populares seja um medíocre cientista, distante das grandes questões de seu tempo. E a ironia aí está: mediocridade também significa as coisas tais como elas são, ou “aquilo que o é” segundo o dicionário. Uma alfinetada naqueles que não sujam os pés em busca do entendimento da verdadeira matriz da nação: o povo. Tal compreensão é a única alternativa para a criação de políticas que efetivamente consigam engajar este povo numa mística nacional, identidade e união entre razão e paixão, estratégia e emoção, política e estética.

O *jogo político* vivido pelo autor deu-se principalmente em duas candidaturas a deputado estadual derrotadas: a primeira independente, em 1922 e, a segunda, pelo Partido Democrático, em 1928. Ambas incentivadas por Capivari, sua cidade natal. Seria então Amadeu um deputado dos pequenos no jogo dos grandes? Seria o caso da mediocridade do candidato (“*não sou, nunca fui político*”) instituí-lo como independente, como no mote: “*antes pigmeu livre do que gigante encadeado*”? (AMARAL, 1976c, p.169).

E por fim na *poética* o tema central que perpassa todos os quatro livros de poesia de Amadeu é o das *ilusões/desilusões* da vida, num toque de resignação e auto-ironia, resignação à mediocridade e efemeridade dos sonhos e projetos de amor e de vida logo após conquistá-los. A mensagem é a da validade das ilusões como matriz ao impulso e vontade de existir, bem como o das desilusões como forma poética de aprender a viver: sobre o cantar da natureza e sobre as pequenas coisas que conferem sentido à vida, como o amor, a bondade e a amizade.

Quanto à noção de *performance* e ao caminhar historiográfico inspire-me na proposta da história do pensamento como desenvolvida por Quentin Skinner e John Pocock. Ao buscar *o que o autor estava fazendo* esses historiadores desenvolveram suas análises tanto nos sentidos almejados pelo autor do texto (os seus *lances*⁴) diante de seu contexto histórico (político e *performativo*⁵) quanto nos sentidos da cadeia histórica das suas recepções críticas. Desta maneira mantêm-se questões tradicionais da história intelectual, em conjunto com novos problemas historiográficos, decorrentes dos diversos sen-

⁴ Pocock define a noção de *lance do autor* como uma situação prática de “(...) pressões, restrições e encorajamentos aos quais o autor estava sujeito ou acreditava estar sujeito, originados nas preferências e antipatias de terceiros e nas limitações e oportunidades do contexto político, tal como ele o percebia ou vivia. É claramente possível, mas não claramente necessário, que essa situação se estenda até o nível das relações entre as classes sociais.” (POCOCK, 2003, p.38-39).

⁵ Quanto às estratégias decorrentes de um texto Pocock propõe a noção de *performance do texto* como os “(...) meios para compreender como um ato de fala é efetuado num determinado contexto lingüístico e, em particular, como atua e inova sobre ele.” (POCOCK, 2003, p.38-39). O autor utiliza a noção de *ato de fala* na sua acepção verbalizada e escrita entendendo que a intenção de um escritor é criar pela linguagem uma parole/palavra, ou seja, dar a palavra (criar o vínculo), ter a palavra, dominar a palavra.

tidos que um determinado texto ou corpo de textos podem alcançar no tempo. Visada metodológica na qual o passado se dá como aberto e repleto de conflitos dirigidos por diferentes projetos políticos em embates que encaminham escolhas, possíveis escolhas.⁶

2. O elogio da mediocridade: carta aos convivas e pósteros e método e sobrevivência em história e crítica literárias

O elogio da mediocridade revela três pontos de vista importantes ao desenrolar deste ensaio: dois que provêm diretamente do texto de 1916 e um que é hipótese de trabalho e chave de interpretação à postura ou performance de Amadeu Amaral como escritor em seu tempo.

Dos dois primeiros: a) o elogio da mediocridade desenvolve dois pontos de vista: uma visada historicista e uma sociológica ao tratar de literatura e, conseqüentemente, de crítica literária; b) como complemento desta visão, no que tange à modernização da literatura, como fenômeno social e, do livro, como suporte da escrita em transformação das funções que ela desempenha: importante e simbólico, pois revela Amadeu instituindo-se como crítico circunstanciado à modernização da literatura em contraponto à crítica passadista. O terceiro ponto (c) significa que em tal performance predomina, nas diferentes linguagens a que o autor recorreu, a ética e estética do elogio da mediocridade como forma de interpretação de si e do mundo.

O subtítulo do ensaio é “carta a um crítico”: revela à porta de entrada a ironia do autor almejando jogar com a ambigüidade, pois como carta a *um crítico* fica o nome deste escondido, revelado então apenas aos próximos (no tempo, ou no círculo que frequenta), mas, ao mesmo tempo, como carta *aos críticos*, como exposição do modo ao qual entende a literatura e a crítica da literatura. Quanto ao elogio da mediocridade a ambivalência está na dúvida que perpassa o texto: Amadeu está elogiando a mediocridade literária, que é

⁶ Neste sentido ao historiador cabe a tarefa de “(...) apreciar até onde os valores incorporados em nosso atual modo de vida, e nossas atuais maneiras de pensar sobre esses valores, refletem uma série de escolhas feitas em épocas diferentes entre diferentes mundos possíveis. Essa consciência pode ajudar a libertar-nos do domínio de qualquer uma das explicações hegemônicas desses valores e de como eles devem ser interpretados e compreendidos. Munidos de uma possibilidade mais ampla, podemos nos distanciar dos compromissos intelectuais herdados e exigir um novo princípio de investigação sobre esses valores.” Um pouco adiante Skinner deixa mais explícito que nesta proposta o passado não é apreendido como mero “(...) repositório de valores alheios a serem enxertados num presente sem suspeitas. Se o estudo da história do pensamento deve ter o tipo de uso que estou reivindicando para ele, deve haver algum nível mais profundo no qual nossos valores atuais e as suposições supostamente estranhas de nossos antepassados devem até certo ponto combinar. (...) estou sugerindo que os historiadores do pensamento podem esperar fornecer aos seus leitores informação relevante para a elaboração de critérios sobre esses valores e crenças atuais, deixando-os então ruminar.” (SKINNER, 1999, p.93-94).

dele também, ou escreve em defesa dos seus ilustres amigos mediócrs, distantes dele? A perspectiva que adoto é a do jogar com tal ambivalência ao invés de acreditar que seja possível isolar uma destas questões elegendo-a como chave. Mesmo porque o prefácio ao livro homônimo destaca o pressuposto central da mediocridade: “Mas, neste mundo, excetuados apenas alguns gênios universais, todo homem é afinal medíocre em relação a outros homens; e disto nunca o autor se esqueceu (...).” (AMARAL, 1976a, p.1).

Como elemento final está a ambivalência da mediocridade como forma de ataque e defesa: o seu elogio pode ser tanto uma defesa de Amadeu à sua mediocridade expondo por conseguinte a soberba do crítico (almejando despertar no auditório ou nos leitores o sentimento de desprezo ao oponente), quanto um ataque ao mesmo incorporando uma defesa dos mediócrs, invertendo a importância relativa de cada um no cenário das letras numa lógica da qual mais vale um medíocre literato do que um criticastro para o desenvolvimento da literatura nacional, (assim objetivando a comisseração ou piedade do auditório para si e para os mediócrs). Ambivalência imersa nos sentimentos morais da Ironia (a si e ao inimigo) e Piedade (de si e ao opositor).

Quanto à interpretação localizo no texto três partes (pois não há nele subdivisões por títulos, há por espaçamento, donde as sigos de maneira aproximada): o primeiro entendido por *Natureza inevitável e fecunda da mediocridade*, o segundo como *Os equívocos da crítica fundada em pressupostos ultrapassados* e o terceiro como apontamentos a elementos constituintes à *Boa crítica*.

Natureza inevitável e fecunda da mediocridade

Amadeu inicia o ensaio elogiando a atitude do crítico/missivista por evocar pendores para a crítica: exemplo de atitude heróica. Mas logo o repreende por efetivá-la sobre mediócrs literatos: pobres “*poetas enfermiços e (...) prosadores claudicantes*”. Surge assim o equívoco do crítico, ou seja, o de colocar-se contra os mediócrs, pois, no pressuposto de Amadeu: “*A mediocridade é necessária, absolutamente necessária – quer no sentido de coisa inevitável, quer no sentido de coisa útil. É, porque tem de ser; além disso, é benéfica*”. (AMARAL, 1976a, p.5).

Jogando com esse dado da Natureza segue na analogia biológica entre literatura e mediocridade desdobrando-a numa asserção quanto à gestação de estrelas: seja no interior de um mesmo autor, consagrado, onde dentre suas várias obras destacar-se-á uma apenas, espécie de pináculo de uma pirâmide (faz alusão a Cervantes e Dom Quixote), seja quanto à mediocridade entendida como “*sementeira protoplásmica*” da qual “*A maioria dos grandes de lá saiu, e felizes daqueles que saíram de vez, para não mais tornar ao rebanho depois de um esforço máximo e prodigioso*”. (AMARAL, 1976a, p.5). E até mesmo escritores estreates e talentosos nada seriam se não existis-

se um fundo comum de mediócrs literatos, propiciando a base para tais primeiros vôos.

Amadeu segue então com o foco na questão social ou sociológica da literatura numa metáfora da mediocridade como *húmus* indispensável da literatura de um povo. Húmus mais fértil quanto mais tradicional o povo e suas letras. Ponto significativo para a compreensão do texto: além de defender escritores mediócrs Amadeu está afirmando que é indispensável e extremamente importante a presença desta literatura *menor*. Não se trata, portanto, tão somente de um debate sobre qualidade estética, pois o próprio momento do texto e sua presença na *Revista do Brasil* exprimem o desejo da criação de uma consciência nacional⁷, de um mercado de letras, de um conjunto crescente de escritores, público e editoras, (seguidos por críticos e revistas) para estabelecerem agendas: uma cultura literária e política para um país de analfabetos. Modernização e massificação do universo das letras são então um dos motes do elogio da mediocridade.

Por isso que uma dentre as duas funções orgânicas decorrentes da mediocridade *húmus* será a de *mediação* entre a nata intelectual do país e a massa hipotética dos leitores ignorantes ou não tão inteligentes. Movimento de descida que vai do refinamento das idéias dos eruditos, à didática decantação destas mesmas pelos mediócrs, que saberão como expô-las ao grande número, sem o assustar e sem gerar inquietações ou distanciamentos em face de tais sistemas.⁸

A outra função orgânica possui duas dinâmicas e se refere aos movimentos ao redor de um pretenso grande escritor: quando este revela talentos, mas ainda está em fase de maturação e ascensão, os mediócrs fazem uma coorte necessária ao seu subir. Já quando o mesmo alcança posição de destaque inverte-se a dinâmica: de mediócrs impulsionadores passam a mediócrs detratores, para logo depois transformarem-se em mediócrs imitadores, fechando um ciclo de elogios, crítica e cópia que nada mais será do que sua justa mediação ou decantação com a classe a qual pertence e com o restante da nação (ao menos, na sua faixa alfabetizada). (AMARAL, 1976a, p.6).

⁷ “Os objetivos do novo periódico foram expostos nas páginas que abriram o seu primeiro número, provavelmente redigidas por Júlio de Mesquita. Trata-se de um manifesto-programa que ensaiava um diagnóstico a respeito dos problemas do país, propondo caminhos para solucioná-los. O texto esclarecia que “o que há por trás do título desta revista e dos nomes que a patrocinam é uma coisa simples e imensa: o desejo, a deliberação, a vontade firme de construir um núcleo de propaganda nacionalista”. Esse projeto justificava-se no interior de um discurso que erigia como problema primordial do país a ausência de uma consciência nacional, capaz de transformá-lo em um todo organicamente estruturado.” (DE LUCA, 1999, p.46).

⁸ “(...) interposta às altas nascentes e ao vale fundo, como um flanco de morro sulcado de fendas e degraus, reparte-a em filetes inumeráveis, adelgaça-a em espadanas e chuviros, e leva-a aos lavradores da baixada em estado de servir humildemente à cultura das couves e das abóboras.” (AMARAL, 1976a, p.6).

Os equívocos da crítica fundada em pressupostos ultrapassados

O esforço de Amadeu em entender a literatura sob olhar sociológico e histórico o coloca em oposição ao que refutou como crítica literária fundada em pressupostos equivocados ou passadistas: as noções de universalidade e genialidade, desdobradas no par Beleza e Perfeição, desembocando numa verdade estética com contornos metafísicos e teológicos. A ironia movida pelo autor foi registrada em tonalidade violenta (incomum nos seus textos) talvez como resposta em clave similar a dos criticastros dos quais se insurge. No que vale a citação:

(...) No fundo, está a idéia de que a arte vem a ser uma espécie de revelação, com lineamentos gerais imutáveis, com grandes cânones invioláveis, estabelecidos para todo sempre; a idéia de que poetas e escritores houve, que, por uma quase graça divina, chegaram a apossar-se inteiramente, ou quase, dos arcanos tremendos; e, visto haver uma única verdade estética, anterior ao nosso conhecimento e independente de nós, a idéia de que a Perfeição existe, para ali adiante, pode ser alcançada em cheio, pode ser pegada pela rabadilha, e pode escapar-nos por dois dedos ou por uma légua de distância. (...) Muito humano e sumamente idiota. (AMARAL, 1976a, p.7).

Amadeu recusa a noção da genialidade entendida como uma natureza solitária. Defende que existiram gênios, mas estes desenvolveram individualmente um trabalho que fora realizado historicamente, lentamente, coletiva e mediocrementemente: os seus méritos deveriam ser contemplados de maneira compartilhada com aqueles que lhe propiciaram a devida sustentação intelectual.⁹

Segue o ensaio contemplando outro pressuposto equivocado dos críticos: o de que todo escritor que publica uma obra tem vistas à glória. Ao recusar este argumento Amadeu continua abrindo a análise à dimensão da modernização do trabalho intelectual e literário, entendido como mais um dentre inúmeros outros comuns no interior da divisão do trabalho social contemporâneo¹⁰. Troca-se o ideal da glória pelo da boa remuneração do trabalho almejada pelo escritor, bem como e implicitamente seu novo lugar: de protegido gênio de algum mecenas a trabalhador ligado a alguma instituição. Daquele que escreve visando à glória àquele que escreve por trabalho ou por puro prazer, ou seja, como uma dose de trabalho a mais.

⁹ No que faz esta alusão a Shakespeare: "Toda literatura pressupõe uma multidão de mediócras, e não só de mediócras, senão também de inferiores, de rudimentares, de falhados e de decadentes. Tanto mais pujante e luminosa ela é, tanto mais grossa a multidão rasteira. (...) Foi esse mato que permitiu, na Inglaterra, o crescimento fabuloso de Shakespeare, a cuja volta trabalhava e produzia uma plêiade de dramaturgos fortes e uma turbamulta obscura de escribas irrequietos." (AMARAL, 1976a, p.6).

¹⁰ "A escrevedura é uma das manifestações correntes da vida ordinária das sociedades civilizadas (...)." (AMARAL, 1976a, p.7).

Cenário congruente às novas funções do livro na sociedade contemporânea. Não mais um objeto de luxo e contemplação eterna, mas instrumento de utilidade passageira – fatos arrolados pela revolução operada desde a invenção da imprensa. Na sua definição o livro transformou-se num “(...) *instrumento de comércio transitório entre as almas, prolongamento da conversação adstrito à troca universal das idéias*”. (AMARAL, 1976a, p.8).

Nas entrelinhas da argumentação Amadeu revela seu ideal (contemporâneo) do Belo, mas embora não refute totalmente a idéia de genialidade e universalidade, problematiza-a naquele seu momento, num certo ceticismo, em que a maior velocidade, o número de publicações e a competição entre os autores iam tornando impossíveis exercícios mais refletidos ou menos velozes e interesseiros da crítica. Daí o juízo com o qual descreve as funções do livro como algo útil, porém passageiro. Um elo no interior de processo histórico mais amplo:

O livro tem de ser considerado não mais como um repositório de coisas concebidas e filtradas “para a eternidade”, mas assim como uma rede de pesca a sair do seio imenso das águas, trazendo de envolta com o peixe a alga, o marisco e a salsugem. Instrumento, utensil, aparelho, o livro tem a sua função naturalmente limitada: o seu fim primacial não é durar, é prestar serviço. Cumprida a sua missão, embotado, enferrujado, substitui-se pelo mais novo e mais interessante e põe-se fora. Nem por isso deixou de haver um momento em que foi bem-vindo. Era um elo, passou; mas teve a virtude de arrastar um outro, que também passa – e a circulação continua... (AMARAL, 1976a, p.8).

A boa crítica

Mediocridade inevitável, fecunda e mediadora entre nata e massa. Genialidade e universalidade paralelas a trabalho rotineiro e limitado. Livro como objeto desmistificado e passageiro no comércio entre as almas. Cabe à boa crítica reconhecer estas novas realidades literárias: trocar o juízo moralizante pela descrição objetiva e fiel da situação das letras como fenômeno social, fenômeno de criação coletiva.

Amadeu destaca o crítico como mais um no interior do conjunto de ligações transitórias entre as almas: cabendo a ele também reconhecer a sua mediocridade e tocar adiante o seu trabalho, pois se deseja altos vãos do pensamento que procure então estudar os grandes escritores.¹¹ E para além deste reconhecimento não deve fazer-se juiz ou denunciador de outra função importante da mediocridade exposta no começo do ensaio e retomada ao final: a do círculo de elogios mútuos. Deles Amadeu sugere que não se faça

¹¹ “Lá é que eu desejo ver aplicadas as excelentes disposições que V. revela para a crítica, e que nos hão de dar aqui a pouco o nosso respeitável Brandès, ou o nosso compendioso Faguet.” (AMARAL, 1976a, p.9).

estardalhaço, pois o “(...) *louvor excessivo só perverte e inutiliza, em regra, os que nasceram talhados para coisa nenhuma*”. (AMARAL, 1976a, p.9). E finaliza com olhar historicista quando lembra que não se pode fazer muito diante da falta de lógica ou mistério que envolve a fortuna crítica de determinado escritor ao longo do tempo, pois um grande gênio do hoje poderá tornar-se um esquecido do amanhã, tal como um medíocre poderá no futuro se tornar autor respeitado.¹²

No mundo das letras e da política, da estética e da ética de fundo evolucionista freqüentado por Amadeu, no seu trânsito dentro do jogo dos humildes e dos cabotinos, dos medíocres e dos astros, ele escolheu uma performance que entendia como de bom senso, mediana, ambivalente porque capaz de freqüentar os dois pólos. Amadeu se colocou na ótica dos ultrapassados da corrida evolucionista: o lugar do meio, daquele que foi ultrapassado, mas um dia ultrapassou e “agora” está no meio, preparando o solo para o nascimento do novo corredor. Pois então como viver cotidianamente nesta performance, como aliá-la a sentimentos morais necessários ao convívio com os homens, os derrotados e os vitoriosos? Uma dupla surge no horizonte: a Piedade e a Ironia, as duas boas conselheiras de Anatole France. Piedade à arrogância e soberba dos primeiros colocados que esquecem que um dia serão ultrapassados. A Ironia como momento oportuno para demonstrar esta miserável condição, deles também. A Piedade para perdoar os derrotados que se prostraram e apenas esperam o fim. A Ironia para julgá-los de maneira apropriada. A Ironia para si mesmo, para reconhecer suas misérias, suas maldades. A Piedade como o saber perdoar-se e seguir adiante.

GOLOVATY, R. THE PRAISE OF MEDIOCRITY: LITERARY PERFORMANCE BY AMADEU AMARAL (1875-1929)

Abstract: *The praise of mediocrity by Amadeu Amaral (1875-1929) is the road to literary and political projects of the 1920s and surroundings. For the praise of mediocrity Amadeu Amaral produced a performance that cuts across all languages in which toiled and fought: prose and poetry, literary criticism, political essays, folklore studies. This essay presents some results of my PhD in History and is divided into two parts: an opening with the script methodological work with the different languages of the author and, as an outcome, an analysis of the 1916s same name essay.*

Keywords: *Amadeu Amaral, performance, literary criticism.*

¹² “Molière, numa época de florescência literária, (...) passava por um hábil comediógrafo, em quem a crítica justiceira do tempo nem por isso lobrigava grandes méritos. Em compensação, Delille foi aclamado gênio pelos contemporâneos. E sempre há de ser assim.” (AMARAL, 1976a, p.9).

Referências

AMARAL, Amadeu. *O elogio da mediocridade*. São Paulo: Hucitec, Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1976a, 205p.

_____. *Memorial de um passageiro de bonde*. São Paulo: Hucitec, Secretaria de Cultura e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1976b, 185p.

_____. *Política Humana*. São Paulo: Hucitec, Secretaria de Cultura e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1976c, 238p.

_____. *Poesias completas*. São Paulo: Hucitec, Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1977, 274p.

CHASTENET, Jacques. Vida e obra de Anatole France, In: FRANCE, Anatole. *O crime de Silvestre Bonnard*. Rio de Janeiro: Opera Mundi, 1971, p.31-59.

DE LUCA, Tania. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*. São Paulo: Fundação Editora Unesp, 1999, 319p.

GOLOVATY, Ricardo Vidal. *O elogio da mediocridade: percursos de Amadeu Amaral (1875†1929«2009)*. Tese (doutorado em História Social). Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia/MG, 2010, 334p.

HOLANDA, Aurélio Buarque de. *Médio Dicionário Aurélio*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1980, 1781p.

POCOCK, John. *Linguagens do ideário político*. São Paulo: EDUSP, 2003, 452p.

SKINNER, Quentin. *Liberdade antes do liberalismo*. São Paulo: Editora da UNESP, 1999, 112p.

Bibliografia

AMARAL, Amadeu. *Ensaios e Conferências*. São Paulo: Hucitec, Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976d, 197p.

_____. *Letras Floridas*. São Paulo: Hucitec, Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1976e, 162p.

_____. *Novela e Conto*. São Paulo: Hucitec, Secretaria de Cultura e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1976f, 134p.

AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira*. São Paulo: Hucitec, Secretaria de Cultura e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1976g, 198p.

_____. *Tradições Populares*. São Paulo: Hucitec, Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1976h, 418p.